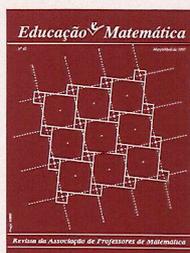


n.º 42
Mar./Abr.
de 1997



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Adelina Precatado
Alexandra Pinheiro
Ana Boavida
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Helena Amaral
Helena Lopes
Henrique M. Guimarães
Maria José Boia

Colaboradores permanentes

A. J. Franco de Oliveira
Matemática
Eduardo Veloso
"Tecnologias na Educação Matemática"
José Paulo Viana
"O problema deste número"
Lurdes Serrazina
A matemática nos primeiros anos
Maria José Costa
História e Ensino da Matemática

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Tiragem
4200 exemplares

Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out, Nov/Dez

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N.º de Registo: 112807
N.º de Depósito Legal: 91158/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Esc. Sup. de Educação de Lisboa
Rua Carolina Michaelis de
Vasconcelos — 1500 Lisboa
Tel/Fax: (351) (1) 7166424
e-mail: apm@mail.telepac.pt

Reflectir para mudar

Ana Vieira Lopes
Lina Vicente

"Actualizar os seus saberes e competências na perspectiva de uma aprendizagem ao longo da vida"

(Reflexão participada sobre os Currículos do Ensino Básico — documento 2)

Nos últimos anos muito se tem discutido acerca do Ensino Secundário: os exames, os programas, os manuais... Os programas foram mesmo reformulados. As questões têm sido de tal modo absorventes que desviaram as atenções dos outros níveis de ensino. No Ensino Básico a discussão não tem ultrapassado a extensão do programa e o seu cumprimento nas escolas. Mas a verdade é que cada vez mais se vêm sentindo desajustes e dificuldades na sua implementação prática. Cada vez mais há necessidade de reflectir sobre o que se está a passar neste nível de ensino...

A *Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico* traz para primeiro plano uma análise do processo de implementação dos novos programas realçando alguns dos seus aspectos mais críticos, como os níveis de aprendizagem e competências adquiridas pelos alunos. Parte dos programas em vigor, e propõe discutir formas alternativas de os gerir tendo em conta o perfil de competências que definem.

As discussões devem procurar modos de operacionalizar este perfil nas diferentes disciplinas. Caso contrário este ficará apenas como uma listagem ambiciosa de capacidades, uma meta onde não se chega.

A reforma educativa trouxe uma filosofia diferente para o ensino/aprendizagem. Na Matemática, *relativamente aos programas anteriores, a alteração fundamental consiste em serem considerados conteúdos de aprendizagem tanto os conhecimentos a adquirir como as atitudes e as aptidões a desenvolver (da Organização curricular e programas, Vol.I)*. Se esta é a perspectiva dos programas, porquê não integrar na definição das aprendizagens/aquisições nucleares as aptidões e as atitudes consideradas fundamentais? A apresentação das aquisições nucleares como um conjunto de conhecimentos a adquirir subverte a concepção de programa introduzida pela reforma educativa.

Na Matemática, para tornar o perfil de competências numa referência para a prática lectiva é preciso relacioná-lo com os objectivos da disciplina nos diferentes ciclos. Não o fazer nos diferentes domínios de objectivos é perder de vista o contributo formativo desta disciplina e reduzi-la de novo a um conjunto de conhecimentos e técnicas perfeitamente desenquadradas das necessidades do tempo de hoje.

Reflectir em conjunto?...Definir um perfil?...Fazer uma análise transversal dos programas?...Definir as aquisições nucleares?...Que mudar na escola e na sala de aula? ■